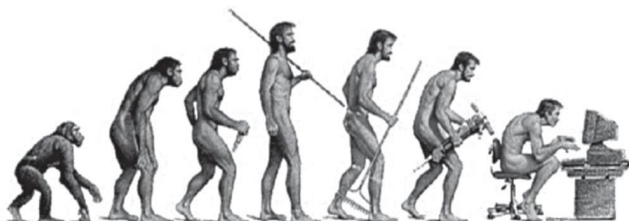


FIGURAS DE LINGUAGEM

Questão 1 (Enem 2011)



Disponível em: <http://www.wordinfo.info>. Acesso em: 27 abr. 2010.

O argumento presente na charge consiste em uma metáfora relativa à teoria evolucionista e ao desenvolvimento tecnológico. Considerando o contexto apresentado, verifica-se que o impacto tecnológico pode ocasionar

- A) o surgimento de um homem dependente de um novo modelo tecnológico.
- B) a mudança do homem em razão dos novos inventos que destroem sua realidade.
- C) a problemática social de grande exclusão digital a partir da interferência da máquina.
- D) a invenção de equipamentos que dificultam o trabalho do homem, em sua esfera social.
- E) o retrocesso do desenvolvimento do homem em face da criação de ferramentas como lança, máquina e computador.

Questão 2 (Enem 2012)



Disponível em: www.ivancabral.com. Acesso em: 27 fev. 2012.

O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos

linguísticos. No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à

- A) polissemia, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão “rede social” para transmitir a ideia que pretende veicular.
- B) ironia para conferir um novo significado ao termo “outra coisa”.
- C) homonímia para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e o espaço da população rica.
- D) personificação para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico.
- E) antonímia para comparar a rede mundial de computadores com a rede caseira de descanso da família.

Questão 3 (Enem 2012)

Aquele bêbado

— Juro nunca mais beber — e fez o sinal da cruz com os indicadores. Acrescentou: — Álcool.

O mais ele achou que podia beber. Bebia paisagens, músicas de Tom Jobim, versos de Mário Quintana. Tomou um pileque de Segall. Nos fins de semana, embebedava-se de Índia Reclinada, de Celso Antônio.

— Currou-se 100% do vício — comentavam os amigos.

Só ele sabia que andava mais bêbado que um gambá. Morreu de etilismo abstrato, no meio de uma carraspana de pôr do sol no Leblon, e seu féretro ostentava inúmeras coroas de ex-alcoólatras anônimos.

ANDRADE, C. D. *Contos plausíveis*. Rio de Janeiro: Record, 1991.

A *causa mortis* do personagem, expressa no último parágrafo, adquire um efeito irônico no texto porque, ao longo da narrativa, ocorre uma

- A) metaforização do sentido literal do verbo “beber”.
- B) aproximação exagerada da estética abstracionista.
- C) apresentação gradativa da coloquialidade da linguagem.

- D) exploração hiperbólica da expressão “inúmeras coroas”.
- E) citação aleatória de nomes de diferentes artistas.

Questão 4 (Enem 2012)

Logia e mitologia

Meu coração
de mil e novecentos e setenta e dois
já não palpita fagueiro
sabe que há morcegos de pesadas olheiras
que há cabras malignas que há
cardumes de hienas infiltradas
no vão da unha na alma
um porco belicoso de radar
e que sangra e ri
e que sangra e ri
a vida anoitece provisória
centuriões sentinelas
do Oiapoque ao Chuí.

CACASO. *Lero-lero*. Rio de Janeiro: 7Letras; São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

O título do poema explora a expressividade de termos que representam o conflito do momento histórico vivido pelo poeta na década de 1970. Nesse contexto, é correto afirmar que

- A) o poeta utiliza uma série de metáforas zoológicas com significado impreciso.
- B) “morcegos”, “cabras” e “hienas” metaforizam as vítimas do regime militar vigente.
- C) o “porco”, animal difícil de domesticar, representa os movimentos de resistência.
- D) o poeta caracteriza o momento de opressão através de alegorias de forte poder de impacto.
- E) “centuriões” e “sentinelas” simbolizam os agentes que garantem a paz social experimentada.

Questão 5 (Enem 2019)

Uma ouriça

Se o de longe esboça lhe chegar perto,
se fecha (convexo integral de esfera),
se eriça (bélica e multiespinhenta):
e, esfera e espinho, se ouriça à espera.
Mas não passiva (como ouriço na loca);

nem só defensiva (como se eriça o gato);
sim agressiva (como jamais o ouriço),
do agressivo capaz de bote, de salto
(não do salto para trás, como o gato):
daquele capaz de salto para o assalto.

Se o de longe lhe chega em (de longe),
de esfera aos espinhos, ela se desouriça.
Reconverte: o metal hermético e armado
na carne de antes (côncava e propícia),
e as molas felinas (para o assalto),
nas molas em espiral (para o abraço).

MELO NETO, J. C. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Com apuro formal, o poema tece um conjunto semântico que metaforiza a atitude feminina de

- A) tenacidade transformada em brandura.
- B) obstinação traduzida em isolamento.
- C) inércia provocada pelo desejo platônico.
- D) irreverência cultivada de forma cautelosa.
- E) desconfiança consumada pela intolerância.

Questão 6 (Enem 2019)

Ela nasceu lesma, vivia no meio das lesmas, mas não estava satisfeita com sua condição. Não passamos de criaturas desprezadas, queixava-se. Só somos conhecidas por nossa lentidão. O rastro que deixaremos na História será tão desprezível quanto a gosma que marca nossa passagem pelos pavimentos.

A esta frustração correspondia um sonho: a lesma queria ser como aquele parente distante, o *escargot*. O simples nome já a deixava fascinada: um termo francês, elegante, sofisticado, um termo que as pessoas pronunciavam com respeito e até com admiração. Mas, lembravam as outras lesmas, os *escargots* são comidos, enquanto nós pelo menos temos chance de sobreviver. Este argumento não convencia a insatisfeita lesma, ao contrário: preferiria exatamente terminar sua vida desta maneira, numa mesa de toalha adamascada, entre talheres de prata e cálices de cristal. Assim como o mar é o único túmulo digno de um almirante batavo, respondia, a travessa de porcelana é a única lápide digna dos

meus sonhos.

SCLIAR, M. Sonho de lesma. In: ABREU, C. F. et al.
A prosa do mundo. São Paulo: Global, 2009.

Incorporando o devaneio da personagem, o narrador compõe uma alegoria que representa o anseio de

- A) rejeitar metas de superação de desafios.
- B) restaurar o estado de felicidade pregressa.
- C) materializar expectativas de natureza utópica.
- D) rivalizar com indivíduos de condição privilegiada.
- E) valorizar as experiências hedonistas do presente.

Questão 7 (Enem 2021)

Naquele tempo, Itaguaí, que, como as demais vilas, arraiais e povoações da colônia, não dispunha de imprensa, tinha dois modos de divulgar uma notícia; ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da Câmara, e da matriz; —ou por meio de matraca.

Eis em que consistia este segundo uso. Contratava-se um homem, por um ou mais dias, para andar as ruas do povoado, com uma matraca na mão. De quando em quando tocava a matraca, reunia-se gente, e ele anunciava o que lhe incumbiam, — um remédio para sezões, umas terras lavradas, um soneto, um donativo eclesiástico, a melhor tesoura da vila, o mais belo discurso do ano, etc. O sistema tinha inconvenientes para a paz pública; mas era conservado pela grande energia de divulgação que possuía. Por exemplo, um dos vereadores desfrutava a reputação de perfeito educador de cobras e macacos, e aliás nunca domesticara um só desses bichos; mas tinha o cuidado de fazer trabalhar a matraca todos os meses. E dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam ter visto cascavéis dançando no peito do vereador; afirmação perfeitamente falsa, mas só devida à absoluta confiança no sistema. Verdade, verdade, nem todas as instituições do antigo *regímen* mereciam o desprezo do nosso século.

ASSIS, M. O alienista. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 2 jun. 2019 (adaptado).

O fragmento faz uma referência irônica a formas de divulgação e circulação de informações em uma localidade sem imprensa. Ao destacar a confiança da população no sistema da matraca, o narrador associa esse recurso à disseminação de

- A) campanhas políticas.
- B) anúncios publicitários.
- C) notícias de apelo popular.
- D) informações não fidedignas.
- E) serviços de utilidade pública.

Questão 8 (Enem 2021)

O pavão vermelho

Ora, a alegria, este pavão vermelho,
está morando em meu quintal agora.
Vem pousar como um sol em meu joelho
quando é estridente em meu quintal a aurora.

Clarim de lacre, este pavão vermelho
sobrepua os pavões que estão lá fora.
É uma festa de púrpura. E o assemelho
a uma chama do lábaro da aurora.

É o próprio doge a se mirar no espelho.
E a cor vermelha chega a ser sonora
neste pavão pomposo e de chavelho.

Pavões lilases possuí outrora.
Depois que amei este pavão vermelho,
os meus outros pavões foram-se embora.

COSTA, S. Poesia completa: Sosígenes Costa. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 2001.

Na construção do soneto, as cores representam um recurso poético que configura uma imagem com a qual o eu lírico

- A) revela a intenção de isolar-se em seu espaço.
- B) simboliza a beleza e o esplendor da natureza.
- C) experimenta a fusão de percepções sensoriais.
- D) metaforiza a conquista de sua plena realização.
- E) expressa uma visão de mundo mística e espiritualizada.

Questão 9 (Enem 2022)**Urgência emocional**

Se tudo é para ontem, se a vida engata uma primeira e sai em disparada, se não há mais tempo para paradas estratégicas, caímos fatalmente no vício de querer que os amores sejam igualmente resolvidos num átimo de segundo. Temos pressa para ouvir “eu te amo”. Não vemos a hora de que fiquem estabelecidas as regras de convívio: somos namorados, ficantes, casados, amantes? Urgência emocional. Uma cilada. Associamos diversas palavras ao AMOR: paixão, romance, sexo, adrenalina, palpitação. Esquecemos, no entanto, da palavra que viabiliza esse sentimento: “paciência”. Amor sem paciência não vinga. Amor não pode ser mastigado e engolido com emergência, com fome desesperada. É uma refeição que pode durar uma vida.

MEDEIROS, M. Disponível em: <http://porumavidasimples.blogspot.com.br>. Acesso em: 20 ago. 2017 (adaptado).

Nesse texto de opinião, as marcas linguísticas revelam uma situação distensa e de pouca formalidade, o que se evidencia pelo(a)

- A) impessoalização ao longo do texto, como em: “se não há mais tempo”.
- B) construção de uma atmosfera de urgência, em palavras como: “pressa”.
- C) repetição de uma determinada estrutura sintática, como em: “Se tudo é para ontem”.
- D) ênfase no emprego da hipérbole, como em: “uma refeição que pode durar uma vida”.
- E) emprego de metáforas, como em: “a vida engata uma primeira e sai em disparada”.

Questão 10 (Enem 2022 reaplicação)

Duas castas de considerações fez de si para consigo o cauto Conselheiro. Primeiramente foi saltar-lhe ao nariz a evidência de que ministro não visita empregado público, ainda que *in extremis*, mesmo a uma braça, ou duas, acima do chapéu do amanuense mais bisonho. Também não visita escritor enfermo por ser escritor, e por estar enfermo. Seriam trabalhos, ambos, a que não se daria um ministro, nem sempre ocupado das

cousas, altas ou baixas, do Estado.

O tempo ministerial não se vai perdulariamente, não se faz em farinhas. Os titulares esquivam-se até a suspirar, que os suspiros implicam o desperdício de minutos se o suspiro é de minutos, além de permitirem ilações perigosas sobre a estabilidade do ministro, quando não do próprio gabinete.

A segunda ponderação remeteu-o à certeza de que terminantemente chegavam ao cabo seus dias; e de que as esperanças eram aéreas, atado agora à cama até que o encerrassem na urna, como um voto eleitoral frio.

MARANHÃO, H. **Memorial do fim**: a morte de Machado de Assis. São Paulo: Marco Zero, 1991.

O texto relata o momento em que, no leito de morte, Machado de Assis recebe a visita do Barão do Rio Branco, ministro de Estado. Criando a cena, o narrador obtém expressividade ao

- A) representar com fidelidade os fatos históricos.
- B) caracterizar a situação com profundidade dramática.
- C) explorar a sensibilidade dos personagens envolvidos.
- D) assumir a perspectiva irônica e o estilo narrativo do personagem.
- E) recorrer a metáforas sutis e comparações de sentido filosófico.

Questão 11 (Enem 2022 reaplicação)

A vida deveria nos oferecer um lugarzinho no rodapé da nossa história pessoal para eventuais erratas, como em tese de doutorado. Pelas vezes em que na infância e adolescência a gente foi bobo, foi ingênuo, foi indesculpavelmente romântico, cego e teimoso, devia haver uma errata possível. Como quando a gente acreditou que se fosse bonzinho ganharia aquela bicicleta; que todos os professores eram sábios e justos e todas as autoridades decentes; e quando a gente acreditou que pai e mãe eram imortais ou perfeitos.

Devia haver erratas que anulassem bobagens adultas: botei fora aquela oportunidade, não cuidei da minha grana, fui onipotente, perdi quem era tão precioso para mim, escolhi a

gostosa em lugar da parceira alegre e terna; fiquei com aquele cara porque com ele seria mais divertido, mas no fundo eu não o queria como meu amigo e pai dos meus filhos. Profissionalmente não me preparei, não me preveni, não refleti, não entendi nada, tomei as piores decisões. Ah, que bom seria se essas trapalhadas pudessem ser anuladas com uma boa errata! Em geral, não podem.

Por todas as vezes que desviamos o olhar lúcido ou recolhemos o dedo denunciador, pagaremos — talvez num futuro não muito distante — um alto preço, durante um tempo incalculavelmente longo. E não haverá erratas.

LUFT, L. Errata de pé de página. *Veja*, n. 28, 18 jul. 2007 (adaptado).

No texto, a autora propõe o uso metafórico da errata como recurso para

- A) assumir uma posição humilde diante da efemeridade da vida.
- B) evitar decisões equivocadas advindas da inexperiência.
- C) antecipar as consequências das nossas ações.
- D) promover um maior amadurecimento intelectual.
- E) rever atitudes realizadas no passado.

Questão 12 (Enem 2023)

Mestre e companheiro, disse eu que nos íamos despedir. Mas disse mal. A morte não extingue: transforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima. Um dia supuseste “morta e separada” a consorte dos teus sonhos e das tuas agonias, que te soubera “pôr um mundo inteiro no recanto” do teu ninho; e, todavia, nunca ela te esteve mais presente, no íntimo de ti mesmo e na expressão do teu canto, no fundo do teu ser e na face de tuas ações. Esses catorze versos inimitáveis, em que o enlevo dos teus discípulos resume o valor de toda uma literatura, eram a aliança de ouro do teu segundo noivado, um anel de outras núpcias, para a vida nova do teu renascimento e da tua glorificação, com a sócia sem nódoa dos teus anos de mocidade e madureza, da florescência e frutificação de tua alma. Para os eleitos do mundo das ideias a miséria está na decadência, e não na morte. A nobreza de uma nos

preserva das ruínas da outra. Quando eles atravessavam essa passagem do invisível, que os conduz à região da verdade sem mescla, então é que entramos a sentir o começo do seu reino, o reino dos mortos sobre os vivos.

BARBOSA, R. *O adeus da Academia a Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

Esse é um trecho do discurso de Rui Barbosa na Academia Brasileira de Letras em homenagem a Machado de Assis por ocasião de sua morte. Uma das características desse discurso de homenagem é a presença de

- A) metáforas relacionadas à trajetória pessoal e criadora do homenageado.
- B) recursos fonológicos empregados para a valorização do ritmo do texto.
- C) frases curtas e diretas no relato da vida e da morte do homenageado.
- D) contraposição de ideias presentes na obra do homenageado.
- E) seleção vocabular representativa do sentimento de nostalgia.

Questão 13 (Enem 2024)

peças com suas malas
mochilas e valises
chegam e se vão
se encontram
se despedem
e se despem
de seus pertences
como se pudessem chegar
a algum lugar
onde elas mesmas
não estivessem

RUIZ, A. In: SANT'ANNA, A. *Rua Aribau: coletânea de poemas*. Porto Alegre: TAG, 2018.

Esse poema, por meio da ideia de deslocamento, metaforiza a tentativa de pessoas

- A) buscarem novos encontros.
- B) fugirem da própria identidade.
- C) procurarem lugares inexplorados.
- D) partirem em experiências inusitadas.
- E) desaparecerem da vida em sociedade.

Questão 14 (Enem 2024 reaplicação)**Irmãos em livros**

Outro dia, num táxi, o motorista me disse que “gostava de ler” e “comprava muitos livros”. Dei-lhe parabéns e perguntei qual era sua livraria favorita. Respondeu que “gostava de todas”, mas, de há alguns anos, só comprava livros pela internet. Ah, sim? Comentei que também gostava de todos os táxis, mas, a partir dali, passaria a andar só de transporte por aplicativo. Ele diminuiu a marcha, como se processasse a informação. Virou-se para mim e disse: “Entendi. O senhor tem razão.”.

CASTRO, R. *Folha de S. Paulo*, 7 dez. 2018.

Nessa crônica, a ironia é utilizada com o objetivo de

- A) criticar a mudança no padrão de consumo dos leitores.
- B) valorizar o nível de informação dos motoristas de táxi.
- C) questionar a oferta do transporte público no país.
- D) contestar a qualidade dos livros impressos.
- E) estimular o comércio eletrônico de livros.

Questão 15 (Enem 2013)**Manta que costura causos e histórias no seio de uma família serve de metáfora da memória em obra escrita por autora portuguesa**

O que poderia valer mais do que a manta para aquela família? Quadros de pintores famosos? Joias de rainha? Palácios? Uma manta feita de centenas de retalhos de roupas velhas aquecia os pés das crianças e a memória da avó, que a cada quadrado apontado por seus netos resgatava de suas lembranças uma história. Histórias fantasiosas como a do vestido com um bolso que abrigava um gnomo comedor de biscoitos; histórias de traquinagem como a do calção transformado em farrapos no dia em que o menino, que gostava de andar de bicicleta de

olhos fechados, quebrou o braço; histórias de saudades, como o avental que carregou uma carta por mais de um mês... Muitas histórias formavam aquela manta. Os protagonistas eram pessoas da família, um tio, uma tia, o avô, a bisavó, ela mesma, os antigos donos das roupas. Um dia, a avó morreu, e as tias passaram a disputar a manta, todas a queriam, mais do que aos quadros, joias e palácios deixados por ela. Felizmente, as tias conseguiram chegar a um acordo, e a manta passou a ficar cada mês na casa de uma delas. E os retalhos, à medida que iam se acabando, eram substituídos por outros retalhos, e novas e antigas histórias foram sendo incorporadas à manta mais valiosa do mundo.

LASEVICIUS, A. *Língua Portuguesa*, São Paulo, n. 76, 2012 (adaptado).

A autora descreve a importância da manta para aquela família, ao verbalizar que “novas e antigas histórias foram sendo incorporadas à manta mais valiosa do mundo”. Essa valorização evidencia-se pela

- A) oposição entre os objetos de valor, como joias, palácios e quadros, e a velha manta.
- B) descrição detalhada dos aspectos físicos da manta, como cor e tamanho dos retalhos.
- C) valorização da manta como objeto de herança familiar disputado por todos.
- D) comparação entre a manta que protege do frio e a manta que aquecia os pés das crianças.
- E) correlação entre os retalhos da manta e as muitas histórias de tradição oral que os formavam.

Questão 16 (Enem 2013)**Capítulo LIV — A pêndula**

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tique-taque noturno, vagaroso e seco parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, e a contá-las assim:

— Outra de menos...

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre.

Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhados.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992 (fragmento).

O capítulo apresenta o instante em que Brás Cubas revive a sensação do beijo trocado com Virgília, casada com Lobo Neves. Nesse contexto, a metáfora do relógio desconstrói certos paradigmas românticos, porque

- A) o narrador e Virgília não têm percepção do tempo em seus encontros adúlteros.
- B) como “defunto autor”, Brás Cubas reconhece a inutilidade de tentar acompanhar o fluxo do tempo.
- C) na contagem das horas, o narrador metaforiza o desejo de triunfar e acumular riquezas.
- D) o relógio representa a materialização do tempo e redireciona o comportamento idealista de Brás Cubas.
- E) o narrador compara a duração do sabor do beijo à perpetuidade do relógio.

Questão 17 (Enem 2014)

O negócio

Grande sorriso do canino de ouro, o velho Abílio propõe às donas que se abastecem de pão e banana:

- Como é o negócio?

De cada três dá certo com uma. Ela sorri, não responde ou é uma promessa a recusa:

- Deus me livre, não! Hoje não...

Abílio interpelou a velha:

- Como é o negócio?

Ela concordou e, o que foi melhor, a filha também aceitou o trato. Com a dona Julietinha foi assim. Ele se chegou:

- Como é o negócio?

Ela sorriu, olhinho baixo. Abílio espreitou o cometa partir. Manhã cedinho saltou a cerca. Sinal combinado, duas batidas na porta da cozinha. A dona saiu para o quintal, cuidadosa de não acordar os filhos. Ele trazia a capa de viagem, estendida na grama orvalhada.

O vizinho espionou os dois, aprendeu o sinal. Decidiu imitar a proeza. No crepúsculo, pum-pum, duas pancadas fortes na porta. O marido em viagem, mas não era dia do Abílio. Desconfiada, a moça surgiu à janela e o vizinho repetiu:

- Como é o negócio?

Diante da recusa, ele ameaçou:

— Então você quer o velho e não quer o moço? Olhe que eu conto!

TREVISAN, D. *Mistérios de Curitiba*. Rio de Janeiro: Record, 1979 (fragmento).

Quanto à abordagem do tema e aos recursos expressivos, essa crônica tem um caráter

- A) filosófico, pois reflete sobre as mazelas sofridas pelos vizinhos.
- B) lírico, pois relata com nostalgia o relacionamento da vizinhança.
- C) irônico, pois apresenta com malícia a convivência entre vizinhos.
- D) crítico, pois deprecia o que acontece nas relações de vizinhança.
- E) didático, pois expõe uma conduta a ser evitada na relação entre vizinhos.

Questão 18 (Enem 2016 reaplicação)**O adolescente**

A vida é tão bela que chega a dar medo.

Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas

esse medo fascinante e fremente de curiosidade
[que faz
o jovem felino seguir para frente farejando o vento
ao sair, a primeira vez, da gruta.

Medo que ofusca: luz!

Cumplicentemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:

Adolescente, olha! A vida é nova...

A vida é nova e anda nua

– vestida apenas com o teu desejo!

QUINTANA, M. *Nariz de vidro*. São Paulo: Moderna, 1998.

Ao abordar uma etapa do desenvolvimento humano, o poema mobiliza diferentes estratégias de composição. O principal recurso expressivo empregado para a construção de uma imagem da adolescência é a

- A) hipérbole do medo.
- B) metáfora da estátua.
- C) personificação da vida.
- D) antítese entre juventude e velhice.
- E) comparação entre desejo e nudez.

Questão 19 (Enem 2016 reaplicação)

Um cachorro cor de carvão dorme no azul etéreo de uma rede de pesca enrolada sobre a grama da Praça Vinte e Um de Abril. O sol bate na frente nos degraus cinzentos da escadaria que sobe a encosta do morro até a Igreja da Matriz. A ladeira de paralelepípedos curta e íngreme ao lado da igreja passa por um galpão de barcos e por uma casa de madeira pré-moldada. Acena para a velhinha marrom que toma sol na varanda sentada numa cadeira de praia colorida. O vento nordeste

salgado tumultua as árvores e as ondas. Nuvens esparramadas avançam em formação do mar para o continente como um exército em transe. A ladeira faz uma curva à esquerda passando em frente a um predinho do século dezoito com paredes brancas descascadas e janelas recém-pintadas de azul-cobalto.

GALERA, D. *Barba ensopada de sangue*. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

A descrição, subjetiva ou objetiva, permite ao leitor visualizar o cenário onde uma ação se desenvolve e os personagens que dela participam. O fragmento do romance caracteriza-se como uma descrição subjetiva porque

- A) constrói sequências temporais pelo emprego de expressões adverbiais.
- B) apresenta frases curtas, de ordem direta, com elementos enumerativos.
- C) recorre a substantivos concretos para representar um ambiente estático.
- D) cria uma ambiência própria por meio de nomes e verbos metaforizados.
- E) prioriza construções oracionais de valor semântico de oposição.

Questão 20 (Enem 2016 reaplicação)

Chegou de Montes Claros uma irmã da nora de tia Clarinha e foi visitar tia Agostinha no Jogo da Bola. Ela é bonita, simpática e veste-se muito bem. [...] Ficaram todas as tias admiradas da beleza da moça e de seus modos políticos de conversar. Falava explicado e tudo muito correto. Dizia “você” em vez de “ocê”. Palavra que eu nunca tinha visto ninguém falar tão bem; tudo como se escreve sem engolir um s nem um r. Tia Agostinha mandou vir uma bandeja de uvas e lhe perguntou se ela gostava de uvas. Ela respondeu: “Aprecio sobremaneira um cacho de uvas, Dona Agostinha.” Estas palavras nos fizeram ficar de queixo caído. Depois ela foi passear com outras e Iaiá aproveitou para lhe fazer elogios e comparar conosco. Ela dizia: “Vocês não tiveram inveja de ver uma moça [...] falar tão bonito como ela? Vocês devem aproveitar a companhia dela para aprenderem”. [...] Na hora do jantar eu e as primas começamos a dizer, para enfezar Iaiá: “Aprecio

sobremaneira as batatas fritas”, “Aprecio
sobremaneira uma coxa de galinha”.

MORLEY, H. *Minha vida de menina: cadernos de uma menina provinciana nos
fins do século XIX*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

Nesse texto, no que diz respeito ao vocabulário
empregado pela moça de Montes Claros, a
narradora expõe uma visão indicativa de

- A) descaso, uma vez que desaprova o uso formal da língua empregado pela moça.
- B) ironia, uma vez que incorpora o vocabulário formal da moça na situação familiar.
- C) admiração, pelo fato de deleitar-se com o vocabulário empregado pela moça.
- D) antipatia, pelo fato de cobiçar os elogios de Iaiá sobre a moça.
- E) indignação, uma vez que contesta as atitudes da moça.

Questão 21 (Enem 2009)

Oximoro, ou paradoxismo, é uma figura de retórica em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão.

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

Considerando a definição apresentada, o fragmento poético da obra *Cantares*, de Hilda Hilst, publicada em 2004, em que pode ser encontrada a referida figura de retórica é:

A) “Dos dois contemplo
rigor e fixidez.
Passado e sentimento
me contemplam” (p. 91).

B) “De sol e lua
De fogo e vento
Te enlaço” (p. 101).

C) “Areia, vou sorvendo
A água do teu rio” (p. 93).

D) “Ritualiza a matança
de quem só te deu vida.
E me deixa viver
nessa que morre” (p. 62).

E) “O bisturi e o verso.
Dois instrumentos
entre as minhas mãos” (p. 95).

Questão 22 (Enem 2009)

Canção do vento e da minha vida

O vento varria as folhas,
O vento varria os frutos,
O vento varria as flores...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De frutos, de flores, de folhas.

[...]

O vento varria os sonhos
E varria as amizades...
O vento varria as mulheres...
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De afetos e de mulheres.

O vento varria os meses
E varria os teus sorrisos...
O vento varria tudo!
E a minha vida ficava
Cada vez mais cheia
De tudo.

BANDEIRA, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1967.

Na estruturação do texto, destaca-se

- A) a construção de oposições semânticas.
- B) a apresentação de ideias de forma objetiva.
- C) o emprego recorrente de figuras de linguagem, como o eufemismo.
- D) a repetição de sons e de construções sintáticas semelhantes.
- E) a inversão da ordem sintática das palavras.

Questão 23 (Enem 2007)

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.

Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
[dono da mercearia.

Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.
(...)

Em usinas escuras,
homens de vida amarga
e dura
produziram este açúcar
branco e puro
com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

Ferreira Gullar. **Toda Poesia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980,
p. 227-8.

A antítese que configura uma imagem da divisão
social do trabalho na sociedade brasileira é
expressa poeticamente na oposição entre a doçura
do branco açúcar e

- A) o trabalho do dono da mercearia de onde veio
o açúcar.
B) o beijo de moça, a água na pele e a flor que se
dissolve na boca.
C) o trabalho do dono do engenho em
Pernambuco, onde se produz o açúcar.
D) a beleza dos extensos canaviais que nascem no
regaço do vale.
E) o trabalho dos homens de vida amarga em
usinas escuras.

Questão 24 (Enem 2012 reaplicação)

A rua

Bem sei que, muitas vezes,
O único remédio
É adiar tudo. É adiar a sede, a fome, a viagem,
A dívida, o divertimento,
O pedido de emprego, ou a própria alegria.
A esperança é também uma forma
De contínuo adiamento.

Sei que é preciso prestigiar a esperança,
Numa sala de espera.
Mas sei também que espera significa luta e não, apenas,
Esperança sentada.
Não abdicação diante da vida.

A esperança
Nunca é a forma burguesa, sentada e tranquila da espera.
Nunca é figura de mulher
Do quadro antigo.
Sentada, dando milho aos pombos.

RICARDO, C. Disponível em: www.revista.agulha.nom.br. Acesso em: 2
jan. 2012.

O poema de Cassiano Ricardo insere-se no
Modernismo brasileiro. O autor metaforiza a
crença do sujeito lírico numa relação entre o
homem e seu tempo marcada por

- A) um olhar de resignação perante as dificuldades
materiais e psicológicas da vida.
B) uma ideia de que a esperança do povo
brasileiro está vinculada ao sofrimento e às
privações.
C) uma posição em que louva a esperança passiva
para que ocorram mudanças sociais.
D) um estado de inércia e de melancolia motivado
pelo tempo passado “numa sala de espera”.
E) uma atitude de perseverança e coragem no
contexto de estagnação histórica e social.

Gabarito

- 1) A 2) A 3) A 4) D 5) A 6) C 7) D
8) D 9) E 10) D 11) E 12) A 13) B
14) A 15) E 16) D 17) C 18) C 19) D
20) B 21) D 22) D 23) E 24) E

Coordenador: Fernando Fidelix Nunes
(Professor de Linguística da Universidade do
Distrito Federal – UnDF)

Revisão: Fernando Fidelix Nunes

Extensionista: Karine Siqueira Sales Correia
(Estudante do curso de Letras-Português da
Universidade do Distrito Federal – UnDF)